

EXPERIÊNCIAS DE BASE AGROECOLÓGICA NO SEMIÁRIDO NORDESTINO. II. AGROFLORESTA DE D. RITA DE CÁSSIA MELO ARAÚJO

DJANE SILVA OLIVEIRA¹, ALINEAUREA FLORENTINO SILVA², CARLA REGINA REGES SILVA FRANÇA², ANA PAULA GUIMARÃES SANTOS², FERNANDA COELHO SANTOS³, ROSANA GOMES LIMA³, AICANÃ SANTOS DE MIRANDA²

1. FACIAGRA - Faculdade de Ciências Agrárias de Araripina

2. CPATSA - Embrapa Semiárido

3. UPE - Faculdade de Formação de Professores de Petrolina

djaneoliveirasilva@hotmail.com

Os ecossistemas naturais possuem equilíbrio dinâmico e complexa teia de relações que permitem a manutenção desses processos por longo prazo. O acesso ao conhecimento empírico dos agricultores familiares que cultivam e criam em sistemas de produção de base agroecológica é uma forma importante de perpetuar essa prática através das gerações e legitimar a verdadeira identidade de suas origens. A sistematização das experiências existentes, mesmo que pouco conhecidas, contribuirá para o acesso a este conhecimento pelos diversos segmentos da sociedade civil. O presente trabalho teve objetivo de sistematizar a experiência de base agroecológica de D. Rita de Cássia Melo Araújo, do Sítio Água Branca, localizado no distrito de Lagoa de Barro, pertencente ao município de Araripina-PE. O trabalho foi realizado entre fevereiro e junho de 2010 utilizando aplicação de questionários semiestruturados e registro com fotos com a ajuda da ONG Chapada, presente na região. D. Rita é uma liderança local que iniciou atividades agrícolas desde muito cedo. Em sua propriedade cultiva diversas hortaliças, fruteiras e plantas medicinais (quantas espécies de cada) todas sem uso de agroquímicos, utilizando sistema de irrigação de salvamento denominado Mandala. Além do cultivo sem uso de agroquímicos, toda a produção da propriedade de D. Rita é comercializada na Feira Agroecológica de Araripina-PE o que permitiu a mesma obter recursos financeiros para reinvestir na propriedade. Esta atitude sensibilizou outras famílias agricultoras, estimulando-as a estabelecerem experiências de agricultura ecológica e formarem um grupo de discussão. Este grupo, constituído por jovens lideranças de várias comunidades rurais, deram início a processos de conversão produtiva em suas propriedades e buscaram, simultaneamente, melhores alternativas para a comercialização de seus produtos e alternativas de convivência com seca. Como resultado dessas iniciativas, em pouco tempo o grupo fundou a primeira organização de agricultores, a Associação de Agricultores do Distrito de Lagoa de Barro. Atualmente a Associação tem buscado beneficiamento (na forma de doces, geléias e compotas), para os produtos comercializados, como forma de agregação de valor aos mesmos e inserção de outras mulheres e jovens no processo produtivo. Observa-se que o exemplo da D. Rita sensibilizou os moradores da região e contribuiu para a percepção pelos mesmos de que simplesmente a ausência de agroquímicos não implica em um cultivo de base ecológica sustentável. Conclui-se que o processo de conversão exige uma decisão consciente e conhecimento associado. Dessa forma para D. Rita e para a Associação a produção ecológica mostrou-se tecnicamente possível e economicamente viável como componente fundamental de uma estratégia voltada para a promoção da segurança alimentar da comunidade.

Palavras-chaves: comunidade rural, conversão agroecológica, recursos naturais, segurança alimentar